

Zero Hora, 11 de fevereiro de 2016



PARADOXOS E DESAFIOS**PEDRO CEZAR DUTRA FONSECA**

Professor Titular do Departamento de Economia e Relações Internacionais da UFRGS
pedro.fonseca@ufrgs.br

O fechamento da fábrica da Souza Cruz, em Cachoeirinha, vai além da inconsistência lógica peculiar ao setor: altos impostos concomitantes à ineficácia do combate ao contrabando. Há uma relação, menos visível, com a opção da última década de sustentar o crescimento econômico no consumo interno das famílias tendo por retaguarda a exportação de commodities, em uma fase áurea de preços e demanda internacionais.

Tal política, por alguns anos, mostrou resultados positivos, como a melhor distribuição de renda, mas foi incapaz de mostrar sustentabilidade. Quero, aqui, explorar não as causas disso, mas uma consequência, deliberada ou não: a negligência com o comércio exterior. As commodities em alta contribuíram para criar uma euforia que, somada ao ingresso de capitais, favoreceram à valorização do real e à perda de competitividade industrial, inclusive da empresa em pauta, que previa exportar quando de sua instalação.

Entretanto, não só foi valorização cambial, a qual poderia agora ser revertida com o dólar chegando a R\$ 4. A questão vai além do câmbio. O lado ne-

fasto foi a implicação de longo prazo, de reforçar a tendência estrutural do país ao fechamento comercial. Acreditou-se que exportar commodities era modelo de desenvolvimento. Enquanto o mundo realizava tratados de comércio, e inclusive os países vizinhos, como o Acordo Transpacífico (TPP) e a Parceria Transatlântica (TTIP), o Brasil apostou praticamente no Mercosul. Esta é uma aposta importante como geopolítica, mas limitada e acanhada economicamente, diante do tamanho do mercado e da potencialidade do seu parque produtivo.

O país foi rápido para se abrir às finanças internacionais (até em demasia), assim como é receptivo ao intercâmbio cultural e à imigração, mas manteve-se retraído a prospectar oportunidades para suas indústrias. No ciclo das commodities, isso parecia desnecessário. Chegou-se ao aparente paradoxo de se desindustrializar não com a abertura comercial, como muitos temiam, mas mantendo a economia “fechada” comercialmente.

Hoje, a participação das manufaturas nas exportações representa 38%, quando chegou a superar os 60% no final do século 20. Hoje, o desafio é voltar ao que era antes.